

A VIOLÊNCIA DO ESCRAVISMO EM MACHADO DE ASSIS

*SANTOS, Gilberto de Assis Barbosa dos*¹

Resumo: Este artigo objetiva compreender como a violência do escravismo é retratada em dois romances do escritor brasileiro Machado de Assis: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Esaú e Jacó*, e em duas crônicas que o ficcionista publicou na imprensa carioca no final do século XIX. O foco analítico deter-se-á na maneira invertida como a questão aparece nos textos literários, isto é, não a partir das sevícias que os cativos sofriam dos capatazes nas propriedades rurais ou nas residências urbanas, mas nas agressões praticadas pelos próprios escravos contra seus semelhantes de infortúnios e também por meio da violência, personificada através de um poder simbólico, na qual um alforriado compra um escravo, ou mesmo quando o dono torna livre sua propriedade humana, mas não elimina as agressões habituais, mantendo-a na servidão, mediante salário irrisório.

Palavras-chave: Violência, Escravidão, Literatura, Machado de Assis, *História do Brasil*

Abstract: This article aims to understand how the violence of the slavery is portrayed in two romances written by a Brazilian writer Machado de Assis: “*Memórias póstumas de Brás Cubas*” and “*Esaú e Jacó*” and also in two chronicles where the fiction writer published in the Carioca media in the late nineteenth century. The analytical focus mind in the reversed way how the question appears in the literary texts, in other words, not from abuse that the captives suffered of their foremen in the farms or of their urban owners, but in the aggressions practiced by the slaves themselves against their similar misfortune and also through of the personified violence over a symbolic power, where a manumitted acquires other slave, or when the owner makes free your human property, but doesn’t eliminate the aggressions by the slave habit, beyond keep it in the servile condition by derisive salary.

Keywords: Violence, Slavery, Literature, Machado de Assis, Brazil History

Introdução

Ao contrário do que muitos autores afirmaram, inclusive por meios ficcionais, como por exemplo, o narrador do romance ***Eu vos abraço, milhões*** (2010), do escritor brasileiro Moacyr Scliar (1937-2011), o romancista carioca Joaquim Maria Machado de Assis (1838-1908) não deixou de apontar em seus textos, sejam eles romanescos, crônicas e contos, a questão da violência que o escravismo perpetrava sobre o elemento servil.

¹Mestre em Ciências Sociais pela FCL (Faculdade de Ciências e Letras) – campus da UNESP em Araraquara e docente do Colégio Futuro/COC em Penápolis (e-mail: gilbertobarsantos@bol.com.br).

Da perspectiva artística, a obra de Scliar, por intermédio da personagem Valdo que deixa ao neto uma carta relatando suas memórias centradas no Rio de Janeiro no final da década de 20 do século XX, o autor de **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1998) aparece como um ficcionista conservador, reacionário que não cuidou de apresentar em suas obras as principais mazelas que o povo brasileiro sofreu na segunda metade do século XIX – período em que transcorrem as enunciações machadianas. Portanto, de acordo com as reflexões do narrador de Scliar, Machado teria se ocupado apenas em retratar, nas suas histórias, a vida dos grupos que fez parte das estruturas dominantes da época.

Entretanto, não podemos deixar de enfatizar que, para o próprio Machado de Assis (1910, p. 7-28), o universo da arte não poderia ser utilizado como ferramenta para expressões ideológicas. Sendo assim, ao ler os textos em que o escritor abordou as diversas formas como a violência do sistema escravista recaia sobre o elemento servil, não deveríamos levar em conta o engajamento do autor em tais problemáticas, pois segundo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), a obra de arte só o é enquanto espiritualidade e, desta forma, existindo apenas no plano das ideias.

O interesse humano, o valor espiritual de um acontecimento, de uma ação, de um caráter individual, em seu desenvolvimento e finalidade, são pela obra de arte apreendidos e realçados de um modo mais puro e transparente do que a da realidade ordinária, não artística. A obra de arte é, por isso, superior a qualquer produto da natureza que não efetua esta passagem pelo espírito. Assim, o sentimento e a ideia que, em pintura, inspiram uma paisagem conferem a essa obra do espírito um lugar mais elevado do que o da paisagem tal como existe em estado natural. Tudo que pertence ao espírito é superior ao que se encontra em estado natural. E não esqueçamos que ser de natureza algum representa ideais divinos, que só a obra de arte pode exprimir (HEGEL, 1991, p. 35).

Tendo como pressupostos essas premissas ficcionais e filosóficas é que nos colocamos a tarefa de tentar compreender se Machado retratou ou não, em alguns de seus textos, parte dos problemas que a sociedade brasileira vivenciou na época e, entre essas questões, encontrava-se a escravidão e a maneira de o sistema aviltar os cativos em suas condições mais singelas, mas também entorpeceu a visão dos escravagistas. Lógico que o sofrimento maior recaiu sobre o elemento servil e seus descendentes, enquanto para o proprietário restou às benesses do sistema, tendo em vista a ausência de pagamento monetário de qualquer espécie pelo trabalho prestado, de forma violenta, pelo cativo.

Embora a matéria possa ser encontrada de maneira esparsa pelas enunciações machadianas, para o escopo deste artigo vamos nos atentar apenas a algumas passagens em dois romances **Esaú e Jacó** (2008), **Memórias póstumas** e duas crônicas: uma integra a série **Bons Dias!** (1990) e a segunda compõe **A Semana** (1996). Desta maneira, acreditamos ser possível apontar que o cronista Machado abordou sim as principais problemáticas da época, inclusive apontando, de forma representativa, o quão difícil seria encontrar soluções para tais questões estruturadas em relações pautadas naquilo que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) definiu como **poder simbólico**² em várias de suas obras.

Para nós, Machado usando de fina ironia, através de narradores dúbios e volúveis, indicou, na condição de escritor, os sofrimentos a que os negros cativos estavam sujeitos em seus cotidianos, mas não tratou dos assuntos como faria um historiador que retrata os acontecimentos em seu universo concreto, mas sim como poderiam ter sido tais fatos (ARISTÓTELES, 1999, p. 47), possibilitando uma miríade de interpretações por parte dos leitores que surgiram depois de sua morte em 1908.

Diante das enunciações machadianas, esses mesmos leitores poderão achar que existem lacunas que precisam ser preenchidas com informações oriundas de outras áreas, por exemplo, a História e as Ciências Sociais, já que os enredos tecidos pelo escritor brasileiro são rápidos, principalmente os presentes nas crônicas, nas quais os narratários podem encontrar uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, mas eles não podem dizer tudo sobre o mundo que retrata (ECO, 2004, p. 9).

No âmbito do romance, entendemos que o mesmo “[...] não nasceu para copiar toda a vida. Como qualquer criação artística ele impõe artifício, quer dizer, simplificação, quer dizer, escolha” (HOLANDA, 1978, p. 62). Segundo Tânia Pellegrini (2009, p. 14), “o romance acomodou-se de modo mais que perfeito ao realismo, por sua incompletude e berço incerto e por eleger como epicentro da narração um indivíduo determinado”. Já Mikhail Bakhtin (1895-1975) diz que o gênero romanesco seria o único que “[...] reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade. Somente o que evolui pode compreender a evolução” (BAKHTIN, 1988, p. 400).

²O **poder simbólico** é compreendido aqui como sendo invisível e que só pode ser exercido através da cumplicidade daqueles que não desejam saber que estão sujeitos ou mesmo que alguém ou sistemas estão exercendo (BOURDIEU, 1989, p. 7-80).

De acordo com o teórico russo,

[...] o romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele (1988, p. 400).

Desta forma, através da obra romanesca de Machado de Assis é possível, por exemplo, vislumbrarmos os malefícios da escravidão brasileira a partir da atitude de um escravo, alforriado, que comprou outro negro e passa a açoitá-lo por qualquer falha cometida. Essa representação encontra-se no capítulo **O vergalho**, presente no livro **Memórias póstumas de Brás Cubas** que será analisado no corpus deste artigo. Abordaremos também como a violência física que recaiu sobre o elemento servil é reproduzida simbolicamente por ele mesmo ao se relacionar com seus semelhantes de infortúnio. Essa matéria encontra-se no capítulo **A joia**, que compõe o penúltimo romance machadiano: **Esaú e Jacó**.

O segundo momento de nossa reflexão se deterá na abordagem de duas crônicas que o ficcionista publicou nos jornais carioca, cujos textos breves podem dar aos leitores uma noção de como o cronista Machado compreendeu as temáticas alusivas à escravidão e a violência que o sistema impôs ao braço servil, impossibilitando que os escravos, mesmo alforriados por determinação da princesa Isabel, conseguissem eliminar os resquícios de anos de servilismo e sofrimentos perpetrados por empedernidos escravagistas.

Os textos jornalísticos do autor de romances como **Dom Casmurro** (2008) são tão importantes para entendermos as consequências das sevícias sofridas pelos africanos e seus descendentes porque “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Ainda:

A crônica ocupa, na obra de Machado de Assis, um lugar especial; estava, por assim dizer, no seu sangue; com ela se identificou de tal modo que, sem avaliarmos o papel que essa modalidade literária desempenhou ao longo da sua trajetória, corremos o risco de ficar com uma visão incorreta do seu perfil literário (MÓISES, 2002, p. 109).

É através delas que podemos entender como o romancista tratou de fatos importantes ocorridos na segunda metade do século XIX. Um exemplo é a passagem da Monarquia à República, cujo retrato da transposição pode ser encontrado no seu livro **Esaú**

e Jacó. No âmbito da crônica, o declínio do Império, culminando com a sua extinção em 15 de novembro de 1889, é apresentado no texto publicado no dia 09 de setembro de 1884, portanto, cinco anos da extinção da Corte³. A matéria faz parte da série intitulada **Crônicas de Lélío**⁴ que foi editada entre 1883 e 1887 pelo jornal carioca **Gazeta de Notícias**.

Em linhas gerais, o enunciado jornalístico discorre sobre uma festa realizada em uma das sedes do governo imperial em prol de uma entidade assistencial. Nesse evento, o objetivo é arrecadar fundos para a instituição de caridade, e isso será feito no final da festa quando seriam leiloadas prendas ofertadas pela Coroa. Ironicamente, o leilão será conduzido pela personagem Augusto República, entretanto ao invés das joias, existiam apenas frangos para serem comercializados.

Retomando o nosso escopo neste artigo, qual seja: o de compreendermos como a violência do sistema escravista perpetuou-se na sociedade, não somente por meio dos escravagistas, mas também pelos cativos, atentemo-nos para outro texto jornalístico publicado no dia 19 de maio de 1888 na **Gazeta de Notícias**, em que o leitor encontrará a história de Pancrácio, escravo doméstico e urbano, alforriado por seu proprietário, mas que continua prestando serviços na residência de seu antigo dono na condição de trabalhador assalariado. Na narrativa, acreditamos que Machado tinha como objetivo apontar que, embora fosse livre, o elemento africano continuava preso aos grilhões de sua condição de servidão. “A escravidão mantém algumas de suas restrições mesmo após o cativo. O escravo alforriado não é um ser inteiramente livre” (MATTOSO, 2003, p. 200).

A segunda crônica, que constará no corpus desta análise, veio a público no dia 16 de outubro de 1892 também na **Gazeta de Notícias** e aborda, de forma alegórica⁵, a conversa entre dois animais, utilizados na tração dos bondes urbanos. Eles estão preocupados com seus destinos a partir do momento em que os veículos serão conduzidos por meio de energia elétrica. Entre outras coisas, a leitura do enredo possibilita ao leitor entender que Machado estava fazendo alusão a diversos aspectos do sistema escravista e os mecanismos utilizados pelas autoridades visando a eliminação do trabalho servil no país, como por exemplo, a lei

³“A palavra ‘corte’ significava tanto a residência física do imperador quanto a cúpula de uma elaborada hierarquia de privilégios. Na base da hierarquia estavam fidalgos, de sangue nobre ou azul. Este status podia ser herdado, obtido por nomeação a uma das ordens de cavalaria ou adquirido por ordenação como oficial militar” (BARMAN, 2012, p. 28).

⁴Lélío é um dos personagens do livro de Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), **Da República**, que dialoga com Cipião, entre outros protagonistas da narrativa. Esta é uma das mais importantes obras filosóficas de Cícero. Nela, o autor aborda questões relativas ao Estado, sua constituição e suas leis. (www.jahr.org).

⁵Alegoria é compreendida neste texto como um expediente literário utilizado pelo cronista para enviar uma mensagem usando ferramentas linguísticas que apontem outro significado.

dos sexagenários⁶, que teve pouca eficácia, tendo em vista que os africanos raramente chegavam aos 60 anos de vida em função das condições insalubres em que trabalhavam, além das constantes torturas a que estavam sujeitos, principalmente quando cometiam alguma falha, por mais singela que fosse, ou tentavam fugir do cativeiro.

Desta forma, o nosso objetivo neste trabalho é demonstrar que, ao ler os romances e as crônicas machadianas, o leitor conseguirá através da percepção dos jogos textuais presentes nas enunciações, conforme nos diz Marcel Proust, abrir portas de residências históricas que jamais conseguiria adentrar, entre elas, aquelas que demonstram a perversidade do sistema escravista e de como o mecanismo de violência e exclusão permanece até a atualidade, segundo apontou de forma ficcional o jornalista e romancista Fernando Molica em livro **Bandeira negra, amor** (2005). Em linhas gerais, esta obra retrata a história do advogado afrodescendente e ativista do movimento negro, Frederico Cavalcanti de Souza e sua namorada, a major Beatriz Ferreira, branca, responsável pela seção de comunicação da Polícia Militar do Rio de Janeiro. O enredo está centrado no desaparecimento de três adolescentes negros que foram vistos pela última vez entrando em uma viatura da PM perto do morro do Borele, posteriormente, aparecem mortos, provavelmente executados pelos militares que estavam na guarnição.

Escravo contra escravo

Uma das marcas indeléveis que o sistema escravista legou ao Brasil, diz respeito às agressões, aviltamentos desferidos por um escravo contra o outro. Essa prática aconteceu de diversas formas, inclusive em propriedades rurais em que alguns africanos eram alçados à condição de feitor na ausência de seus donos quando estes não tinham ninguém a quem confiar à gestão da fazenda durante o tempo em que estavam fora de seus domínios. Este tipo de ação transformava o escravo em administrador, portanto, detentor de um poder que podemos chamar de **simbólico**, já que contava com o assentimento dos demais e dos próprios indivíduos que o delegava ao cativo.

Como esse tipo de situação não se restringia à área rural, não escapou ao olhar⁷ de Machado de Assis que apresentou a situação em diversos momentos de seus escritos, como

⁶ A Lei do Brasil 3.270, também conhecida lei Saraiva-Cotegibe e Lei dos Sexagenários, entrou em vigor no dia 28 de setembro de 1885 objetivando conceder liberdade aos escravos com mais de 60 anos.

⁷ Olhar aqui é entendido como móvel, por isso, diferente do que compreende por ponto de vista. Desta maneira, é abrangente, incisivo, cognitivo, emocional, passional. “O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas

no capítulo LXVIII: **O vergalho** (ASSIS, 1998, p. 100-101) do seu romance **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Nesta seção, o narrador-personagem, Brás Cubas, caminha pelas ruas do Rio de Janeiro fazendo algumas reflexões sobre a sua existência quando se depara com uma cena em que, segundo ele, um “preto” “vergalhava o outro em praça pública” (1998, p. 100). O açoitado sofria as sevícias sem esboçar reação, gemendo pedia perdão ao seu algoz que não ligava para as súplicas que lhe eram dirigidas, e, quanto mais a vítima rogava comiseração, maiores eram as vergalhadas.

- Toma, diabo! Dizia ele, toma mais perdão, bêbado!

- Meu senhor! gemia o outro.

- Cala a boca, besta! Replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos do que o meu moleque Prudêncio, - o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele:

- É, sim, nhonhô (MACHADO de ASSIS, 1998, p. 100).

Até esse ponto da narrativa, o leitor pode ter uma ideia do que Machado de Assis, por intermédio de seu narrador-defunto, buscava: retratar os desdobramentos da violência do escravismo, não só para quem vivia às suas expensas, mas também àquelas pessoas que foram vítimas do sistema, pois não perdoavam nem mesmo os semelhantes de infortúnio.

Ao ser informado de que o escravo pertencia ao ex-cativo da família, Brás pergunta-lhe se o negro fizera alguma coisa a Prudêncio. Obtém como resposta que o negro, além de vadio era um bêbado inveterado. “Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber” (1998, p. 101). Diante da revelação, Brás Cubas solicita a Prudêncio que perdoe a falha do seu escravo, o que o novo escravagista faz sem questionar. “- Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!” (1998, p. 101).

Após ver seu pedido atendido, Brás segue o seu caminho, porém, com novos elementos para compor suas reflexões, já que a cena que assistira o deixara atônito, colocando-se a pensar que as agressões que o seu ex-escravo desferia em outro cativo, bem que podia fazer parte do capítulo de um livro de memórias.

pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento” (BOSI, 2000, p. 10).

Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só externamente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas -, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (ASSIS, 1998, p. 101).

Por si só, o capítulo inteiro vale uma série de reflexões, mas Trípoli vai dizer que num

[...] primeiro momento, a cena parece denegrir o escravo, pois expõe a sua crueldade e a falta de consideração para com outro da própria raça. Entretanto, não nos esqueçamos do tom satírico do romance e atentemos para a reflexão que faz Brás Cubas enquanto se afasta da cena: ‘Vergalho recebido, vergalho transferido’, que é um confesso mea culpa da personagem, ao perceber que o ex-escravo, com o seu proceder, buscava compensar-se das pancadas que recebera no passado (TRÍPOLI, 2006, p. 107).

É importante observarmos que a ação de Prudêncio se encaixa bem na afirmação do historiador Rafael de Bivar Marquese sobre o processo de alforria dos cativos como mecanismo de reprodução da sociedade escravista e medida de segurança para

[...] evitar um quadro social tenso como o do Caribe inglês e francês ou mesmo o de Pernambuco no século XVII. A libertação gradativa dos descendentes dos africanos escravizados – não mais estrangeiros, mas sim brasileiros – constituiu o principal desses meios. A prova definitiva da validade dessa equação é a associação de negros e mulatos libertos e livres com o sistema escravista: o grande anseio econômico e social desses grupos era exatamente a aquisição de escravos, ou seja, torna-se senhor. Diversos trabalhos recentes documentam a prática bastante comum de negros e mulatos livres, libertos e mesmos escravos serem donos de escravos (MARQUESE, 2006, p. 118).

Mais adiante o historiador afirma que

[...] o comprometimento social dos crioulos e mulatos – sobretudo quando livres e libertos – com a instituição da escravidão, e não apenas o comprometimento dos senhores brancos, foi o elemento decisivo que garantiu a segurança do sistema escravista brasileiro (2006, p. 121).

Embora as cenas ficcionalizadas tenham ocorrido em períodos diferentes, é possível comparar essa narrativa machadiana com o capítulo **Duelos** (MOLICA, 2005, p. 85-90) quando a personagem, o advogado e ativista negro, Frederico, é parado pela PM do Rio de Janeiro. Mesmo que o narrador não aponte a condição étnica dos soldados, a enunciação deixa claro que a blitz e a revista tem a ver com a tonalidade da pele da personagem Fred. Esse capítulo vale uma reflexão à parte, tendo em vista que os militares pertencem a uma categoria específica, semelhante à dos intelectuais, definida por Karl Mannheim como *intelligentsia* (MANNHEIM, 1986, p. 178-189).

Mas retomando o romance machadiano, é importante observar que o retrato feito pelo cronista pode ser sustentado pelo que apontou Florestan Fernandes (1920-1995) na década de 70 do século XX no estudo **A sociedade escravista no Brasil** (IANNI, 2008, p. 225-265). Segundo ele, tanto do apogeu quanto da crise do sistema escravista, o senhor escravista não emerge do mesmo como era antes. Todavia,

[...] se ele aproveita, agora em estilo tradicional-patrimonialista e em estilo capitalista, o momento de apogeu, ele não se converte em vítima da crise final dessa ordem. A vítima sempre foi o **negro** como categoria social, isto é, o antigo agente do modo de produção escravista que, quer como escravo quer como liberto, movimentara a engrenagem econômica da sociedade estamental e de castas. Para ele, não houve “alternativa histórica”. Ficou com a poeira da estrada, submergindo na economia de subsistência, com as oportunidades medíocres de trabalho livre das regiões mais ou menos estagnadas economicamente e nas grandes cidades em crescimento tumultuoso, ou perdendo-se nos escombros de sua própria ruína, pois onde teve que competir com o trabalhador branco, especialmente o imigrante, viu-se refugiado e repelido para os porões, os cortiços⁸ e a anomia social crônica [grifos do original] (FERNANDES, 2008, p. 257).

Em outro romance de Machado de Assis, **Esaú e Jacó**, o penúltimo publicado em 1904, é possível encontrarmos outra forma de aviltamento a que estava sujeito o escravo, entretanto, aparece no texto de forma invertida, fazendo com que o leitor tenha que lê-lo nas entrelinhas, como um duplo, já que segundo Antônio Candido, sob o autor de **Helena** (2008), que respeitava para ser respeitado,

[...] funcionava um escritor poderoso e atormentado que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da

⁸ - O romance **O cortiço** (2013), escrito por Aluísio Azevedo retrata, de modo ficcional, como era a vida dos escravos que pagavam aluguel para seus proprietários, e também a vida dos descendentes nesses casebres, como o cortiço Cabeça de Porco destruído nos primeiros anos da República.

alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas (SOUZA, 1995, p. 20-21).

A enunciação se encontra no capítulo XX: **A joia** (MACHADO de ASSIS, 2008, p. 1.102-1.103). A narrativa enfoca a conquista da baronia por parte o banqueiro Agostinho Santos e sua esposa Natividade, que são pais dos gêmeos Pedro e Paulo, principais protagonistas do enredo que disputam tudo, desde o amor da indecisa Flora ao mundo da política passando pelas duas formas de governo que aparecem na história, isto é, Monarquia e a República, sendo que o primeiro defendia o Império e o segundo tinha inclinações republicanas.

A outorga é publicada nos jornais, provocando diversas manifestações entre os amigos do casal, além dos filhos e nos demais moradores da casa, inclusive na escravaria que se regozijou com a nobiliarquia conquistada pelos seus proprietários, como se estivesse obtido à alforria, chegando ao ponto de se achar melhor do que os demais cativos porque, a partir daquele momento, pertencia a barões do Império.

O escritor brasileiro, ao retratar a condição dos cativos a partir dessa perspectiva, estava ironizando a ideia de que com o fim do cativo, eles poderiam se tornar pessoas diferentes, pois o sistema não corrompia somente o escravagista, mas também o escravo, conforme Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) aponta em seu estudo **O abolicionismo**(2010).

Não pode, [...], ser objeto de dúvida que a escravidão transportou da África para o Brasil mais de 2 milhões de africanos; que, pelo interesse do senhor na produção do ventre escravo, ela favoreceu quanto pôde a fecundidade das mulheres negras; que os descendentes dessa população formam pelo menos dois terços do nosso povo atual; que durante três séculos a escravidão, operando sobre milhões de indivíduos, em grande parte desse período sobre a maioria da população nacional, impediu aparecimento regular da família nas camadas fundamentais do país; reduziu a procriação humana a um interesse venal dos senhores; manteve toda aquela massa pensante em estado puramente animal; não a alimentou, não a vestiu suficientemente; roubou-lhe as suas economias, e nunca lhe pagou os seus salários; deixou-a cobrir-se de doenças, e morrer ao abandono; tornou impossíveis para ela hábitos de previdência, de trabalho voluntário, de responsabilidade própria, de dignidade pessoal; fez dela o jogo de todas as paixões baixas, de todos os caprichos sensuais, de todas as vinditas cruéis de uma outra raça (NABUCO, 2010, p. 56-57).

Sendo assim, acreditamos que ao ficcionalizar esses dois momentos: o primeiro em **Memórias póstumas de Brás Cubas** e o segundo em **Esaú e Jacó**, Machado estava retratando a sua descrença e o seu ceticismo⁹ na possibilidade de a alforria fazer com que os africanos e seus descendentes se emancipassem enquanto seres humanos, tendo em vista o poder de corrosão que o sistema escravista teve durante o tempo em que perdurou no Brasil, isto é, por mais de três séculos.

Senhor contra escravo

Se nos dois romances analisados acima, acreditamos que Machado apontou o aspecto perverso da escravidão a ponto de colocar escravo contra escravo, nas duas crônicas que selecionamos para tratar da violência escravista a partir da perspectiva do ficcionista carioca, a questão é colocada no âmbito das sevícias praticadas contra os cativos por parte dos senhores escravistas.

Na primeira crônica que integra a série **Bons Dias!** - que podemos considerá-la como memorialista já que é narrada na primeira pessoa com propósito de comentar, dissertar sobre um assunto que envolve a experiência do narrador (BETELLA, 2007, p. 18) -, cuja enunciação é publicada no dia 19 de maio de 1888, portanto, seis dias após o fim do escravismo, o enredo tem como protagonista o narrador que não se identificou e um escravo doméstico: Pancrácio. Ele recebeu das mãos de seu proprietário a carta de alforria que a mandou publicar nos jornais¹⁰ da Corte.

Entretanto, a enunciação deixou claro que a ação não teve nada de benevolente, mas sim um artifício utilizado pelo dono do cativo para evitar que o governo lhe retirasse o direito de propriedade, podendo utilizá-la da maneira que lhe aprouvesse. De acordo com o narrador, antes mesmo que os debates sobre a eliminação da escravidão se acirrassem, optou por libertar seu escravo que deveria estar com 18 anos. “Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil quinhentos, e dei um jantar” (ASSIS, 1990, p. 62).

O encontro de comensais, nomeado de banquete pelos amigos do anfitrião, objetivou anunciar que o escravagista, antes mesmo do decreto imperial, alforriou seu agora ex-escravo

⁹Sobre o ceticismo na obra machadiana, ver o livro de José Raymundo Maia Neto: **O ceticismo na obra de Machado de Assis** (2007).

¹⁰Roland Barthes (1970, p. 57-60) classifica as notícias estampadas nos jornais como **fait divers**, já que são dados totais, através dos quais os leitores são informados do que está ocorrendo em um determinado momento da sociedade. Entretanto, os textos não são longas narrativas, mas sim como pequenos informes que encadearão dentro dos contextos de seus conteúdos.

e brindou a ação com seus convidados. O jovem que escutava tudo a espreita, adentrou a sala e foi abraçar o seu **antigo algoz** e **agora benfeitor**, momento em que as visitas brindaram o ato. O anfitrião discursou mais uma vez em tom de agradecimento, entregando a carta de alforria ao liberto. “Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo” (ASSIS, 1990, p. 63).

Mas para compreender o que a alforria oficial significou para os libertos, justamente por ter partido do governo sem que os próprios cativos participassem ativamente da sua conquista, faz-se necessário observarmos o restante da crônica¹¹ em seu desfecho, quando Pancrácio passa da condição de escravo a trabalhador assalariado.

No dia seguinte, ao ver confirmada a sua liberdade e que podia seguir o caminho que pretendesse, o ex-escravo resolveu ficar na casa de seu antigo proprietário, seguindo como empregado com salário mensal de “uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha” (ASSIS, 1990, p. 63), afirmou-lhe o patrão.

Ao publicar essa crônica em livro, o brasilianista John Gledson explica que o valor que o trabalhador Pancrácio receberia equivalia a duas camisas, sendo que não seria possível ao novo liberto, se quer locar uma casa simples para morar, pois o aluguel estava próximo a 35 mil-réis e, caso o funcionário quisesse sair do imóvel em que atuou como escravo, provavelmente iria residir em residências semelhantes às retratadas pelo escritor Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo (1857-1913) em **O cortiço**. Ainda: um jantar no Hotel Javanês não saía por menos do que quatrocentos réis. Já no jornal em que Machado de Assis publicou esta crônica, o exemplar custava 40 reis (ASSIS, 1990, p. 63).

Portanto, ao ler esses e outros textos jornalísticos de Machado, considerados como “crônicas da escravidão”, podemos constatar que as críticas do autor eram dirigidas “[...] à hipocrisia de políticos que, dizendo-se abolicionistas, votavam a favor dos senhores” (DUARTE, 2007, p. 247) escravagistas e aqueles que depois da abolição se posicionaram contrários “[...] à tentativa de estabelecimento por lei de indenização aos proprietários repentinamente desprovidos da mão-de-obra cativa” (2007, p. 247). Neste sentido, a leitura dessas crônicas pode revelar como o escritor Machado de Assis usava “[...] com maestria

¹¹ - “Toda crônica é uma intensa evocação dessa comunidade, que em si é uma das razões – ou das justificações – da alusividade que torna as crônicas muitas vezes impossíveis de ler sem notas. Como em toda comunidade verdadeira, há um fundo de experiência compartilhada, e que portanto pode ficar subentendida, implícita: o humor, muitas vezes, tem a sua origem neste tipo de experiências” (GLEDSON, apud ASSIS, 1996, p. 29).

os recursos da narrativa romanesca para tratar de assuntos polêmicos em seu tempo, utilizando-se por vezes daquele humor ácido e cortante que caracterizou muitos de seus escritos ficcionais” (DUARTE, 2007, p. 247).

A segunda crônica, objeto deste artigo, faz parte da série **A Semana**, foi publicada no dia 16 de outubro de 1892, portanto, quatro anos depois do fim do escravismo no Brasil. A sua leitura só pode ser feita por intermédio do procedimento alegórico. Portanto, antes de problematizar o conteúdo do texto jornalístico, é importante pontuarmos a alegoria como recurso literário usado pelo autor para reproduzir ficcionalmente as mazelas do sistema escravista brasileiro.

Desta forma, ao ler alegoricamente a enunciação que tem como protagonistas dois burros, o leitor tem uma

[...] dupla opção: analisar os procedimentos formais que produzem a significação figurada, lendo-a apenas como convenção linguística que ornamenta um discurso próprio ou analisar a significação figurada nela pesquisando seu sentido primeiro, tido como preexistente nas coisas, nos lugares e nos acontecimentos e, assim, revelados na alegoria. Pensada como dispositivo retórico para a expressão, a alegoria faz parte de um conjunto de preceitos técnicos que regulamentam as ocasiões em que o discurso pode ser ornamentado (HANSEN, 2006, p. 9).

Ainda:

[...] a alegoria é teorizada como forma racionalista, artificial, mecânica, árida e fria. Retoricamente, a alegoria diz b para significar a, [...], observando-se que os dois níveis (designação concretizante b e significação abstrata a) são mantidos em correlação virtualmente aberta, que admite a inclusão de novos significados. Além disso, a alegoria pode funcionar por mera transposição: o significado da designação b pode ser totalmente independente do significado da abstração a [...] (2006, p. 15 e 17).

Na tentativa de melhor definir o que vem a ser alegoria, Hansen afirma que a mesma “funciona como uma metalinguagem; ela é uma glosa que se integra ao texto, existindo apenas nele, em sua literalidade. Pensá-lo assim implica ler a alegoria como convenção para o leitor” (2006, p. 42).

Desta forma, retornemos ao texto jornalístico que começa com o narrador informando ao seu leitor que o assunto que irá ler diz respeito à inauguração dos bondes elétricos em substituição aos de tração animal. Entretanto, a sua enunciação atem-se à sua condição de passageiro em um carro puxado por dois burros que em determinado momento são surpreendidos pelo cronista a escutar o que conversavam.

A preocupação dos quadrúpedes é relacionada à modernidade e a aposentadoria dos veículos movimentados pela força dos burros. Ao serem deixados de lado tais carros, os animais poderiam enfim se aposentar e ter a tão sonhada liberdade. Entretanto, com o advento dos bondes elétricos, a dupla de muares acredita que a implantação de um sistema moderno, apenas fará com que ambos mudem de dono.

- Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças.
- Pela burra de Balaão! Exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum prêmio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo?
- Passaremos às carroças – continuou o outro pacificamente – onde a nossa vida será um pouco melhor; não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que ele lhe custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer coisa que nos torne incapaz, restituir-nos-á a liberdade... (MACHADO de ASSIS, 1996, p. 137).

Apropriando-se da alegoria e a metáfora enquanto ferramentas discursivas, podemos apontar que usando os animais como personagens, Machado de Assis estava apontando que a abolição da escravidão jogou, do dia para a noite, milhões de cativos à própria sorte e que na condição de ex-escravos teriam que conseguir trabalho, moradia e alimentação, tudo que era fornecido pelos seus proprietários que agora se viam livres de tais despesas, sendo obrigados apenas ao pagamento dos salários de seus funcionários. Entretanto, sem preparo, os ex-escravos, na condição de trabalhadores, teriam que competir com os imigrantes e, na falta de emprego, teriam que viver de **favor** na casa de seus antigos proprietários ou em casebres erguidos nas encostas dos morros como o cortiço Cabeça de Porco destruído no começo do século XX por determinação de Cândido Barata Ribeiro (1843-1910), prefeito do Rio de Janeiro (CHALHOUB, 2011, p. 19).

Essa condição dos negros alforriados, forçados a residirem em choças e casas de péssimas qualidades, perdurou por todo o século XX, mais especificamente nas grandes cidades, conforme atestam o jornalista Caco Barcellos em seu livro **Abusado: o dono do morro Dona Marta** (2009) e o romance de Fernando Molica: **Bandeira negra, amor**.

Considerações finais

Discorrer sobre as observações, em alguns casos, veladas ou usando a fina ironia¹², feitas por Machado de Assis sobre as consequências do sistema escravista para o Brasil, não é tarefa fácil, pois contrariando muitos que afirmaram que ele não tratou da problemática do negro, o ficcionista abordou tal temática e a violência que recaiu sobre os cativos e as dificuldades que estes tiveram para se inserirem na sociedade brasileira que os violentava em sua dupla condição: de herdeiros da senzala e sem nenhuma instrução, mesmo que o do jurista Agostinho Marques Perdigão Malheiro (1788-1860) desejasse vê-los instruídos, conforme atesta o livro de Carlos Henrique Gileno: **Perdigão Malheiro e a crise do sistema escravocrata e do império** (2013).

Ainda sobre a questão do negro na sociedade brasileira, cabe acrescentar que em seu livro **Cultura brasileira e identidade nacional** (2005), Renato Ortiz, apresenta elementos que podem ser utilizados como mote para se entender a problemática do africano na sociedade escravocrata brasileira. Embora a discussão feita por Ortiz é relativo a um debate em torno da ideologia do ISEB, a sua afirmação é importante para as pretensões desse trabalho, pois diz que

[...] o negro para se constituir como pessoa tem que passar pela referência ao homem branco. Como todo ser humano, o negro sente a necessidade de se ver reconhecido enquanto tal, mas este reconhecimento torna-se impossível numa sociedade onde existem senhores brancos e escravos negros. [...] o negro não possui uma “resistência ontológica” diante do olhar do branco, pois ele só consegue se enxergar enquanto escravo, reflexo do dominador (ORTIZ, 2005, p. 57).

Essa condição de violência silenciosa e simbólica a que estava sujeito o elemento africano durante os mais de 300 anos de escravidão, conforme procuramos apontar, permanece até o presente e pode ser percebida na maneira como os descendentes de escravos são tratados em diversas situações do cotidiano e como os aparelhos repressivos, a exemplo, do que acontecia com um negro no século XIX, alforriado teria que andar sempre com a carta de liberdade no bolso, como prova de que não era fugitivo e estava sendo procurado pelo seu proprietário. Machado apresenta uma questão semelhante no conto **Pai contra mãe** (2004). A ausência deste documento ou a manipulação de seu pertencimento selou o destino de Bertoleza no romance **O cortiço** (2013).

¹² - “A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura” (MOISÉS, 2004, p. 247).

Referências Bibliográficas

- ALEGORIA. MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 14-16
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 33-75 (Coleção Os pensadores).
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013 (Coleção L&PM POCKET, v. 103).
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: teoria do romance**. São Paulo: Editora da UNESP; HUCITEC, 1988.
- BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BARMAN, Roderick J. **Imperador cidadão e a construção do Brasil**. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.
- BARTHES, Roland. Estrutura da notícia. In. _____. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 56-60.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232 (Obras escolhidas, v. 1).
- BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis: A seriedade enganosa dos Cadernos do Conselheiro (Esaú e Jacó e Memorial de Aires) e a simulada displicência das crônicas (Bons Dias! e A Semana)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Nankin, 2007.
- BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomas. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemia na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Da república**. Disponível em www.jahr.org. (Acessado no dia 29/06/2013).
- DUARTE, Eduardo de Assis. Estratégias de Caramujo. In: MACHADO de ASSIS, Joaquim Maria. **Machado de Assis afrodescendente – escritos de caramujo [antologia]**. Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, MG: Pallas/Crisálida, 2007, p. 239-278.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERNANDES, Florestan. A sociedade escravista no Brasil. In. IANNI, Octavio. (Org.) **Florestan Fernandes**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 225-265. (Grandes Cientistas Sociais).

GILENO, Carlos Henrique. SANTOS, Gilberto de Assis Barbosa dos. Monarquia e República nas crônicas machadianas. **Composição: revista de Ciências Sociais**. Campo Grande, MS, n. 15. P. 117-129, jul./dez. 2014.

_____. **Perdigão Malheiro e a crise do sistema escravocrata e do império (1822-1889)**. São Paulo: Annablume, 2013.

HATOUM, Milton. Encontros na península. In _____. **A cidade ilhada: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 103-110.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Hedra. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Estética: a ideia e o ideal. In. _____. **Estética: a ideia e o ideal; Estética: o belo artístico ou o ideal**. Trad. Orlando Vitorino. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 1-80.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Notas sobre o romance. In. _____. **Cobra de vidro**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p. 59-66.

IANNI, Octávio. **As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional**. 2ª ed. revista. São Paulo: Hucitec; Curitiba, PR: Scientiaet Labor, 1988.

IRONIA. MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 245-249.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In. JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2ª ed. rev. e ampl. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 105-118.

MACHADO de ASSIS, Joaquim Maria. **Balas de Estado de Machado de Assis**/Helena Paiva de Luca (Org.). São Paulo: Annablume, 1998.

_____. **Bons Dias!** (Crônicas 1888-1889). Edição, introdução e notas John Gledson. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. Dom Casmurro. In. _____. **Obra completa, em quatro volumes: volume 1**. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 929-1.072.

_____. Esaú e Jacó. In. _____. **Obra completa, em quatro volumes: volume 1**. Organização Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.1.073-1.225.

_____. **Esaú e Jacó**. Introdução e notas Hélio Guimarães. 1ª ed. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2012.

_____. **Helena**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1981 (Série Bom Livro).

- _____. Instinto de nacionalidade. In. _____. **Crítica**. Rio de Janeiro: Garnier, 1910, p. 7-28
- _____. Pai contra mãe. In. _____. **Os melhores contos de Machado de Assis**. Seleção Domicio Proença Filho. 15ª ed. São Paulo: Global, 2004. p. 249-258.
- _____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 25ª ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro).
- _____. **A Semana** (Crônicas 1892-1893). Edição, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MAIA NETO, José Raimundo. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico da “Intelligentsia”. In. _____. **Ideologia e utopia**. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 178-189
- MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos Cebrap**, 74, março 2006, p. 107-123.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. Trad. James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis: ficção e utopia**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MOLICA, Fernando. **Bandeira negra, amor**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. In. _____. **Essencial Joaquim Nabuco**. Organização e introdução Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010. p. 35-109.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo, n. 14, 2009. (Disponível no site <http://www.abralic.org.br/revista/> - acessado no dia 22/03/2015).
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- SCLIAR, Moacyr. **Eu vos abraço, milhões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SOUZA, Antonio Candido de Mello. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39.
- TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. **Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.